

NOTÍCIAS E EDITORIAIS NO ENSINO DE PORTUGUÊS

Márcia DRESCH
Kelen Pereira FARIAS

Resumo

Desde a década de 70, o jornal impresso tem ocupado espaço em obras didáticas e projetos de ensino de língua portuguesa. Os textos opinativos presentes em jornais, porque com estrutura argumentativa explicitada, se opõe às notícias, que, em tese, não carregariam opinião. Todavia, na prática jornalística, essa separação nem sempre é respeitada, uma vez que há notícias com alto grau de posicionamento e há, também, editoriais de caráter mais informativo. Este trabalho, a partir de análise minuciosa do funcionamento desses dois gêneros e de pesquisa acerca das atividades realizadas com jornais – dados coletados em entrevista a 55 professores da região do município de Pelotas – tem por objetivo fornecer subsídios para o trabalho com textos jornalísticos na escola, uma vez que os dados levantados revelaram um uso escolar dos textos muito voltado para discussão das temáticas pautadas pelos veículos de comunicação, ficando o discurso jornalístico, seja na sua materialidade, seja no conteúdo ideológico por ele expresso, à margem das práticas de ensino. Assim, são questões de leitura e de sentido que problematizamos, para então propormos um trabalho mais abrangente com o texto jornalístico, que leve em conta o linguístico e a subjetividade inerente ao processo de produção e veiculação desses textos. Esta pesquisa, de caráter teórico e metodológico, utiliza como aporte teórico a Análise do Discurso Francesa, fundada por Michel Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal; Ensino; Discurso.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a escola vem, desde a década de 1970, promovendo práticas que envolvem o jornal na sala de aula. Essas práticas ganham destaque à medida que as teorias textuais e discursivas passam a ter mais influência no ensino de língua portuguesa nos anos da década de 1980 e, mais recentemente, quando o estudo sobre os gêneros textuais/discursivos passa a ser citado em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Destacamos neste trabalho, cujo objetivo é discutir como é realizado o trabalho com o jornal impresso nas aulas de língua portuguesa, duas questões: 1ª) como se dá a reflexão sobre a produção midiática? 2ª) em que medida as práticas de leitura aprofundam a compreensão sobre o funcionamento dos textos?

Para realizar esta pesquisa, entrevistamos 55 professores da disciplina de Língua Portuguesa, atuantes na rede pública dos municípios de Pelotas, Pedro Osório e Cerrito. O questionário (anexo) foi respondido oral e individualmente pelos professores. A partir da coleta de dados, tendo como aporte teórico a Análise do Discurso Francesa, com o objetivo de contribuir para qualificar as práticas pedagógicas, trazemos uma análise crítica sobre o trabalho com jornal na escola.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÒRICA

2.1 Sujeito e sentido na linguagem

A concepção de sujeito com a qual trabalhamos dispõe um sujeito cindido, heterogêneo por natureza. Da mesma forma, o sentido não pode ser pensado como uno, mas, porque afetado pelas condições históricas de produção dos discursos, vai depender do gesto interpretativo produzido pelos sujeitos. Outro aspecto importante de ser considerado é a deriva e o deslize daí decorrente. Pêcheux (1990, p. 53) afirma que os enunciados são linguisticamente descritíveis como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. Uma vez dependente de gestos interpretativos de sujeitos, os sentidos sempre podem ser outros, são fluidos e o deslize é inevitável.

Discutindo a interpretação, Orlandi (1996) chega à ideologia. Segundo ela, quando nos encontramos diante de um determinado objeto simbólico, somos levados a interpretar o que esse objeto quer dizer. Esse sentido aparece-nos como uma evidência: ao fazer significar, interpretamos. Essa interpretação é determinada, de um lado, pela materialidade da língua, e, de outro, pela história. O efeito de evidência e de unidade em que se sustenta o dizer é produzido pela ideologia. Dessa forma, a autora define ideologia discursivamente. Segundo ela, ideologia não é ocultação, mas função da relação entre a linguagem e a história e seus mecanismos imaginários, em outras palavras, com o mundo (ORLANDI, 1996, p. 31).

A Análise do Discurso busca compreender como os textos produzem sentido, e a ideologia é um processo de produção de sentido particular em um determinado contexto histórico. A ideologia, repetindo Orlandi (1996, p. 65), não é, pois, um conteúdo “x” mas o mecanismo de produzi-lo. Isso permite afirmar, segundo a autora, que a interpretação se nega como tal no exato instante em que se dá, porque o sujeito atribui sentido às suas

próprias palavras, apagando as condições em que as produz. A ideologia representa esse efeito de completude, de evidência que se sustenta sobre o já-dito; certas formas materiais são transpostas em outras, ou seja, há uma simulação, em face da qual, embora não ocultados os sentidos, é apagado o processo de sua constituição (ORLANDI, 1996, p. 65-66).

2.2 A teoria do espelho na escola

A teoria do espelho é uma teoria que suscita a discussão sobre a relação entre a realidade e o texto jornalístico. De modo sucinto, essa teoria compreende que o jornal, em especial a notícia, espelha a realidade. Assim, aquilo que é noticiado nada mais é do que a realidade apreendida pelo jornalista e reproduzida por ele de forma fiel. A visão, ainda que ingênua e contestável, dá conta de resolver a problemática da parcialidade/imparcialidade que se coloca para o jornalismo, uma vez que se o jornalista ao entender que o texto corresponde aos fatos, que reproduz a realidade tal como ela é, afasta neste raciocínio qualquer possibilidade da presença de subjetividade no relato. Mais, garante a sustentação do princípio histórico de um jornalismo de qualidade: o compromisso com a verdade. Segundo Traquina (2005, p. 149), a teoria do espelho está ligada à legitimidade do campo jornalístico, mas trata-se de uma teoria frequentemente posta em causa pela sua pobreza e deficiência.

Evidentemente que o trabalho jornalístico visto sob a perspectiva discursiva, e mesmo sob teorias do jornalismo de conformação mais crítica, impõe que se reconfigure a questão, já que não há como negar a presença do sujeito na linguagem, além de entender a verdade como plural, ancorada em valores de caráter político, cultural e ideológico; portanto é no conjunto de produções do discurso que se reconhece algo como verdadeiro ou não. A teoria do espelho não se sustenta, porque fundamentada numa visão de transparência da linguagem, mas sua influência sobre o modo de ler o jornal é decisiva.

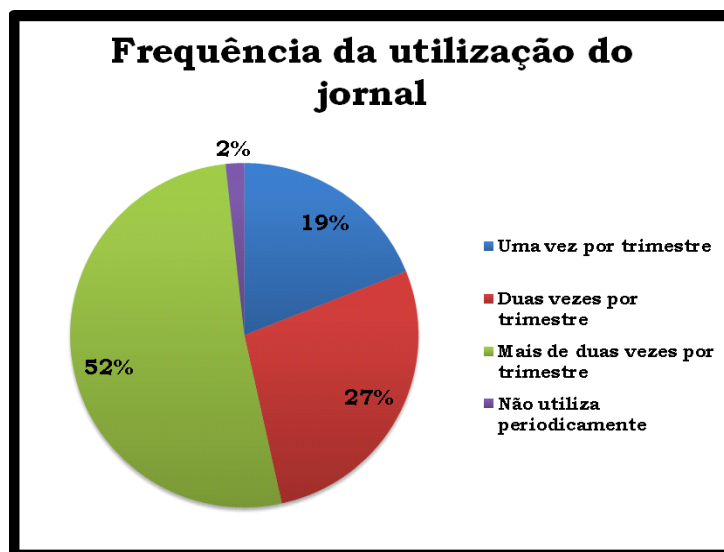
Há na leitura do texto jornalístico, especialmente da notícia, uma quase impossibilidade de separar o fato da representação que dele é feito. Como o fato parece se amalgamar à língua, porque discursivizado, e nessa passagem se apaga o processo de significação, o dizer sobre o fato empírico ganha status de realidade. Assim, ao dizer sobre o mundo, o texto se apresenta ao leitor como o próprio mundo. E veja-se que as

características linguísticas desse tipo de texto reforçam esse movimento de tal forma que não permitem ao leitor aperceber-se do discurso, uma vez que o texto é impessoal, distanciando-se da autoria e aproximando-se dos elementos da narrativa – personagem, tempo, espaço, trama: o fato se conta.

Interessa-nos avançar a discussão sobre a leitura na escola. Porque, veja-se, se os sujeitos estabelecem uma relação amalgamada da realidade empírica com a língua, principalmente porque é por meio dela que se apreende a realidade, visão que de certa forma legitima o texto jornalístico como espelho do real, como desconstruir tal modelo de leitura nesse tipo de texto.

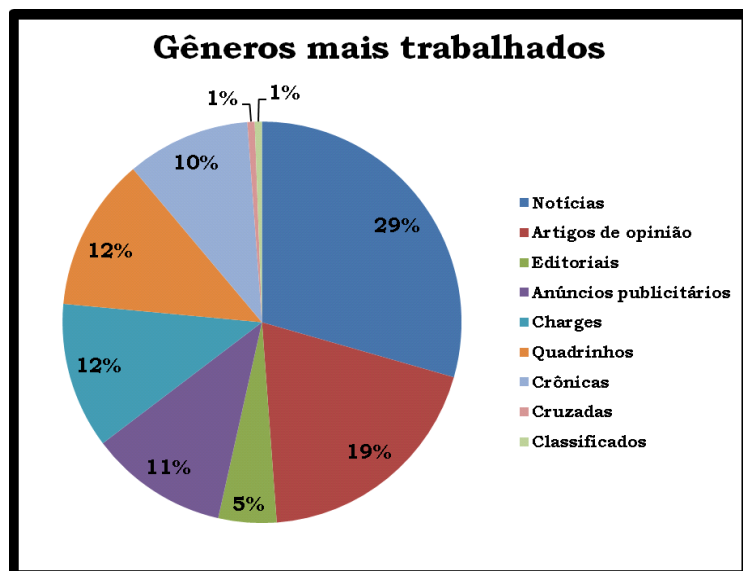
3 A LEITURA DO JORNAL NA ESCOLA

Todos os professores de português entrevistados nesta pesquisa afirmaram trabalhar com textos de jornais e, como se pode ver no gráfico a seguir, o uso de textos do jornal impresso é frequente nas atividades da disciplina.



A maioria (47%) dos jornais usados, segundo os professores, são de produção local e, de modo geral, os textos são obtidos de exemplar familiar próprio ou da família do professor.

O gráfico abaixo apresenta todos os gêneros mencionados pelos professores como objeto de suas práticas:



Como vemos no gráfico sobre os gêneros, as notícias e os artigos de opinião são os textos mais utilizados. O editorial, no entanto, quase não aparece, limitando-se a algumas atividades informadas por professores de ensino médio. Isso se explica, em parte, pela dificuldade em relação à temática e à estrutura linguística que este gênero oferece. No trabalho com textos opinativos, os professores preferem utilizar artigos de opinião, charges e crônicas.

Quando perguntados sobre as motivações para trabalhar com textos de jornais, formar um leitor crítico e oferecer atividades variadas fazem parte de quase todas as respostas. Quanto às atividades realizadas pelos professores, destacamos:

- escolha, coleta e leitura de notícia, pelo aluno, para apresentação em aula;
- identificação das partes do jornal;
- produção de notícias pelos alunos;
- leitura de notícias trazidas pelo professor e discussão da temática apresentada;
- elaboração de jornal – textos e ilustrações – com notícias, publicidade, variedades, etc.
- debate;
- identificação de categorias gramaticais nos textos de notícia trazidos pelo professor;
- leitura, interpretação e produção de crônicas jornalísticas.

Na sala de aula, de um modo geral, os textos jornalísticos são tratados superficialmente e, no ensino médio, geram exercícios classificatórios das funções da linguagem: referencial, expressiva, conativa, fática, poética e metalinguística.

Nota-se que a leitura do jornal na sala de aula é realizada de acordo com a Teoria do Espelho, que entende que os textos jornalísticos espelham a realidade. Assim, mesmo que o professor propicie discussões sobre as temáticas abordadas nos textos, não é levada em conta a presença da subjetividade, do ponto de vista, tanto na leitura de notícias, quanto na de editoriais. Acrescente-se o falta de uma compreensão plural da verdade, enquanto ponto de vista e a não problematização da relação do texto jornalístico com questões de poder.

Para aprofundar a discussão escolar, há de se levar em conta, primeiramente, o questionamento de por que alguns fatos ganham status de notícia e outros não, ou seja, por que alguns fatos são midiaticizados. Ainda, qual a legitimidade das fontes – oficiais e não oficiais e qual a função de marcas de tempo e espaço e os numerais – para além de contextualizar –, naquilo que eles agregam de efeito de credibilidade e veracidade aos textos.

CONCLUSÃO

As práticas de leitura de notícias de jornal estão muito presentes na escola, mas raras são as atividades que discutem produção, recepção e funcionamento da notícia na sociedade. Isso se dá porque o texto jornalístico sofre processo de didatização, cujas implicações limitam a sua leitura na aula de português.

Muitas atividades buscam no jornal uma temática social que promova debate, sem, contudo, discutir os modos de dizer e suas implicações no sentido. E nem mesmo as questões linguísticas próprias desse gênero costumam ser abordadas, ou seja, pouca atenção é dada à textura dos textos, ignorando-se as marcas dos processos de produção dos sentidos.

REFERÊNCIAS

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** por que as notícias são como são.
Florianópolis: Insular, 2005.

ANEXO

Instrumento de Coleta de dados

- 1) Por favor, assinale em que condição você responde a este questionário.
 - professor(a) de ensino fundamental – rede pública
 - professor(a) de ensino fundamental – rede privada
 - professor(a) de ensino médio – rede pública
 - professor(a) de ensino médio – rede privada
- 2) Você trabalha com jornal impresso (ou xérox de partes) em sala de aula? sim não
- 3) Com que frequência você utiliza este recurso?
 - uma vez por trimestre duas vezes por trimestre
 - mais de duas vezes por trimestre não costuma utilizar
- 4) Onde são produzidos os jornais que você costuma utilizar?
 - Local (Pelotas e região)
 - Estaduais (Rio Grande do Sul)
- 5) Como você obtém o jornal?
 - Seleciona parte de exemplar próprio/familiar e faz fotocópia
 - A escola dispõe de jornais
 - Pede que os alunos tragam um exemplar
 - Busca doação de empresa jornalística
 - Outra
- 6) Com que parte do jornal você costuma trabalhar mais? (marque até duas)
 - Notícias
 - Artigos de opinião
 - Editoriais
 - Anúncios publicitários
 - Charges
 - Quadrinhos
 - Crônicas
 - Outros (especificar) _____
- 7) Que tipo de atividade você costuma realizar com ou a partir do jornal?
- 8) Por que você trabalha com jornal?
- 9) Qual a receptividade dos alunos?